

A ESTÉTICA KANTIANA A PARTIR DE UMA PERSPECTIVA DECOLONIAL

Nalberty Medeiros Santos ¹
Gilmar Coutinho Pereira²

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, discutir-se-á sobre a Estética Kantiana, ou mais especificamente, sobre os traços racistas, machistas e xenofóbicos presentes nas *Observações sobre o sentimento do Belo e do Sublime*, como também no relacionar desse livro com os textos kantianos sobre o conceito de raça. Apresentar-se-á, em um primeiro momento, as definições gerais do Belo e do Sublime, como também da relação desses conceitos com a concepção kantiana de homem em geral. Na sequência, expor-se-á a relação dos supracitados com os sexos, ou ainda a despeito das características nacionais e de como essas se relacionam com os conceitos supramencionados. Consequente, comparar-se-á alguns pontos das *Observações* com os textos de Immanuel Kant (1724-1804) sobre as raças.

Por fim, mostrar-se-á, que o estudo e o ensino da Estética Kantiana é possível integralmente quando não se olvida ou despreza o seu caráter excludente, a saber: que sua estética é marcada por uma percepção de mundo racista, machista e xenofóbica. É uma estética da exclusão, por essa razão, afirmamos que é problemática a possível argumentação dos kantianos de que pensar um Kant racista é anacrônico. Ademais, pensar dessa forma levaria a uma análise e a um ensino problemático da Estética Kantiana, um propositalmente esquecer que Kant é um ser no mundo, que é europeu, branco e macho.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

Neste trabalho, tomou-se como base uma das aulas que ministrei para a turma do primeiro ano da ECIT Irmã Stefanie, aula na qual dialogamos sobre a Estética em Hegel e Kant – uma perspectiva decolonial. Em que discutimos sobre a necessidade de falar sobre o racismo, machismo e a xenofobia presentes nas obras desses dois grandes autores da Filosofia.

¹ Graduando do Curso de Filosofia da Universidade Estadual - PB, nalbertymedeiros@gmail.com;

² Professora orientadora: Doutora Gilmar Coutinho Pereira, Universidade Estadual - PB, gilmaracoutinho@servidor.uepb.edu.br.

Entretanto, ao que concerne a esse trabalho, concentrei-me somente na exposição sobre a Estética Kantiana.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O livro *Observações sobre o sentimento do Belo e do Sublime* está dividido em quatro seções, de modo que na primeira seção, Kant discorre sobre alguns conceitos preliminares, ou seja, acerca das concepções gerais do sentimento de Belo e do Sublime, esses aos quais aloca sobre a marca do sentimento refinado. Dessa forma, o filósofo profere que o Belo é sempre simples, alegre, adornado, jovial e estimulante, e cita como exemplo de coisas belas: um campo florido, o dia (claridade), enquanto que o sentimento do Sublime é nobre (a contemplação de grandes árvores, um palácio), terrível (a contemplação da solidão) e magnífico (o ter na vista grandes cordilheiras), causa comoção, admiração e assombro.

Já na segunda seção, o autor analisa o belo e o sublime a despeito do homem em geral, proferindo que o engenho, a astúcia, o amor, a comédia (gênero literário), a juventude e o gracejo são características daquilo que é belo, enquanto que o conhecimento, a amizade, a fúria, a ousadia, a tragédia (gênero literário) e a velhice são sublimes. Ademais, dedica o resto da seção às qualidades morais e às inclinações, a saber: a ternura, a compaixão, a amabilidade, a dignidade, a honra, o pudor, a melancolia, a cólera, a dissimulação entre outras.

Apesar dessas definições de Belo e Sublime serem interessantíssimas para a Estética Kantiana (não nos referimos aqui à estética transcendental presente na sua teoria do conhecimento), falta ainda a exposição de suas concepções a partir da terceira seção, na qual o autor coloca esses dois conceitos de uma forma machista e doravante racista.

Na terceira seção, ao analisar o Belo e o Sublime em relação aos sexos, o filósofo de Königsberg tem como fundamento concepções machistas, pois elucubra o seguinte: que a mulher é sempre bela, que o belo é aquilo que lhe marca, e que por isso, tem um rosto atraente, suave e afável, como também é por ser o “sexo belo” que gosta (inatamente) de se enfeitar, sendo muito sensível ou se envolvendo a futilidades, ou ainda de que é decente, delicada e controlada, ou de outro modo: “A mulher possui um forte sentimento inato por tudo o que é belo, gracioso e ornado” (KANT, 2018, p. 70). Enquanto que a despeito da compreensão estética que faz do homem, enuncia que este é representado pelo sublime, sendo o “sexo nobre”, de forma que quando criança, ao contrário das mulheres (essas que são decentes e decorosas), é um ser extremamente deselegante e tosco.

Em corolário, expõe que o homem tem uma inteligência profunda (jamais bela), enquanto que a mulher é alocada no pensamento belo, este que não pode ser profundo, ou ainda de que por ser bela, não pode se voltar a especulação, a ciência, a geometria, as artes, a história ou a geografia, visto que essas coisas são morosas, são expressões do “sexo nobre”, porquanto a mulher só deve sentir, jamais pensar, e que mesmo quando uma mulher se volta a essas áreas do entendimento, assevera Immanuel Kant:

A uma mulher que tenha a cabeça entulhada de grego, como a senhora *Dacier*, ou que trave disputas profundas sobre mecânica, como a marquesa de *Châtelet* só pode mesmo faltar uma barba, pois com esta talvez consigam exprimir melhor o ar de profundidade a que aspiram (KANT, 2018, p. 72, grifo do autor).

O machismo na estética Kantiana é tão visível que chega a ser espantoso que os seus leitores contemporâneos esqueçam de mencioná-lo, visto que além daquele proferir que não é necessário entulhar as mentes das mulheres com geografia, batalhas ou as leis de Newton, mas que também, é necessário para o “sexo belo” somente conhecimentos simples: “sobre o clima, a liberdade e a escravidão” (KANT, 2018, p. 75). Nesse sentido, somente coisas fúteis lhes são necessárias, a saber: observar uma pintura ou escutar uma música, no sentido de que essas geram ou causam sentimento, jamais no sentido de propiciar uma contemplação profunda, ou ainda de que lhes são úteis a comoção causada pela clara paisagem de um belo crepúsculo.

Portanto, as coisas supramencionadas fazem parte do “sexo belo”, ao contrário das coisas sérias do entendimento. Dessa forma, aquele: “jamais ocorre por meio de um ensino frio e especulativo” (KANT, 2018, p. 75). Logo, apenas pelas sensações que fazem parte da beleza, docilidade e futilidade do sexo feminino.

Na quarta seção das *Observações*, Kant completa a discussão ao expor sobre o sentimento do Belo e do Sublime em relação às mais diversas nações. Entretanto, mormente aplica esses conceitos ao continente europeu ou a algum povo ocidental. Dessa forma, profere que: “os italianos e os franceses são aqueles que se distinguem pelo sentimento do belo; já os alemães, os ingleses e os espanhóis, pelo sentimento do sublime” (KANT, 2018, p. 97-98). Ou ainda que o francês é marcado pelo gracejo e a brincadeira amorosa, enquanto que os italianos destacam-se na obra arquitetônica.

Contudo, ao analisar a Ásia e a África, o autor adota uma visão racista e xenofóbica, ao asserir que os “árabes” são os mais extravagantes, apesar de serem nobres, ou que os japoneses não têm gosto refinado, mas que em relação a algumas poucas qualidades são: “os ingleses desse continente” (KANT, 2018, p. 113), ou que os indianos e chineses são caricatos (grotescos e estranhos), sendo a religião dos primeiros expressão máxima do caricaturesco, enquanto que

os modos comportamentais dos chineses são exagerados e ridículos, ou ainda coloca os africanos sobre a égide do ridículo. Nesse sentido, articula o seguinte sobre os povos africanos: “Os negros são muito vaidosos, mas à sua própria maneira, e tão matraqueadores, que se deve dispersá-los a pauladas” (KANT, 2018, p. 114). Ou ainda, que a religião daqueles é uma idolatria, um fetiche, que a diferença entre brancos e pretos (além das cores) é vastíssima também a despeito do entendimento, de modo que mesmo as pessoas brancas pobres têm capacidade de tornarem *per si* pessoas de grande nobreza, enquanto que os negros são impossibilitados de tal coisa, uma vez que:

Dentre os milhões de pretos que foram deportados de seus países, não obstante muitos deles terem sido postos em liberdade, não se encontrou um único sequer que apresentasse algo grandioso na arte ou na ciência, ou em qualquer outra aptidão (KANT, 2018, p. 114).

Além do mais, as concepções racistas e xenofóbicas que são marcantes nas *Observações*, aparecem também nos textos *Determinação do conceito de uma raça humana* e *Das diferentes raças humanas*. Desse modo, no texto *Determinação do conceito de uma raça humana*, o autor delinea sobre a existência ou a não existência do conceito de uma raça humana, sobre a diferença entre raça e gênero, a relação entre raça (classe) e cor.

Kant, ao falar sobre a “raça negra”, toma como alicerce a teoria do flogisto de Georg Ernst Stahl (1659-1734), e a utiliza com um propósito racista, ou pelo menos sua conclusão é racista, ou seja, sua afirmação que os negros fedem por natureza. A teoria do flogisto (inflamável), refere-se a ideia de que todos os organismos vivos e os metais têm como fundamento em comum, uma “partícula” ou matéria chamada flogisto, de modo que quando aqueles entram em combustão perdem uma quantidade relativa dessa “partícula”, que então evapora. Tendo essa teoria como fundamento, Kant defendeu que o fedor e a pretidão eram resultados do processo de evaporação ou eliminação do flogisto presente no sangue.

Todavia, essa matéria ou coisa comum a todos os metais e organismos nunca existiu. Na verdade, o processo que acontece com os metais é denominado de oxidação, à guisa de exemplo, a exposição do ferro ao ar ou a água, e sua consequente, a oxidação ou ferrugem. Entretanto, na época de Kant, a teoria do flogisto era cientificamente aceita, e quiçá seja por isso que o filósofo a utiliza. Mas isso, logicamente, não justifica a sua conclusão racista de que: “Ora, o forte odor dos negros [...] já dá ensejo para supor que a sua pele elimina uma grande quantidade de *flogisto* do sangue” (KANT, 2012, p. 41). Essa conclusão está errada, visto que não há relação necessária entre uma cor e um odor. Além do mais, um corpo fétido tem como

resultado a relação entre os micróbios e algumas glândulas da epiderme, não sendo algo único ou estando presente somente em um grupo étnico-racial, mas em todos os seres humanos.

Já no texto *Das diferentes raças humanas*, Kant cria uma teoria para explicar a pretidão, os lábios grossos e a pele oleosa dos negros. Dessa forma, coloca como causa de tais coisas a permanência por muito tempo em um clima quente e úmido. De modo que a pretidão e o fedor dos negros têm como causa, a diminuição das:

Partículas de ferro, que comumente são encontradas em qualquer sangue humano e aqui é diminuída na substância celular através da transpiração de ácidos fosfóricos (razão pela qual todos os Negros fedem), causa a pretidão [*Schwärze*] que transporece na epiderme (KANT, 2010, p. 20, grifo do autor).

Todavia, essa teoria kantiana é errônea, visto que na verdade, a diferença da cor da pele tem como base a melanina (essa que é produzida pelas células de nome melanócitos), esta que por sua vez é responsável por proteger a epiderme da radiação ultravioleta, como também por pigmentá-la. Contudo, Kant desconhecia esse processo e a sua relação de proteção e pigmentação da pele.

Apesar disso, sua conclusão ainda é racista, visto que nos textos *Determinação do conceito de uma raça humana* e *Das diferentes raças humanas*, o autor não utiliza os argumentos sobre um corpo fedorento para as outras raças, pelo contrário, no segundo texto supracitado, asseve que a raça mais próxima do que ele chama de gênero fundamental é: “a feição loura pura de tenra pele branca, cabelo avermelhado, olhos azuis pálidos, que no tempo dos Romanos habitou a região norte da Alemanha” (KANT, 2010, p. 24). Enquanto que ao falar dos negros, simplesmente diz que esses fedem, ou ainda que são: “Indolente, mole e desocupado” (KANT, 2010, p. 21). E que nas *Observações*, profere que nem mesmo os argumentos dos negros são dignos de nota, porque: “esse sujeito era preto da cabeça aos pés, argumento suficiente para considerar irrelevante o que disse” (KANT, 2018, p. 117). Dessa forma, observa-se que tanto nos textos de Kant sobre as raças, como também no livro sobre o belo e o sublime, que o filósofo tem como fulcro um antolhar racista ou que tem uma conclusão racista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enfim, concluímos com a asserção de que a Estética Kantiana é marcada fortemente por visões machistas, racistas e xenofóbicas, de modo que não abordar essas visões levar-se-ia a exclusão de parte de sua filosofia, ou ainda a (possibilidade de) perpetuar esse tipo de

“concepção estética”, ou ainda mais, que enquanto docentes de filosofia, o recusar-se a abordar essa temática, ou o proferir que era normal pensar dessa forma na época de Kant, pode corroborar ou fundamentar mesmo o racismo, o machismo e a xenofobia. E isso é inadmissível.

Por fim, conclui-se que a Estética Kantiana é uma Estética da Exclusão, esta que tem como prisma o mundo Ocidental, branco e falocêntrico, de modo que, segundo Kant, todos aqueles que não se enquadram nessas características são estranhos, ridículos, não pensam profundamente ou fedem, são levados a exclusão.

Palavras-chave: Kant. Estética. Exclusão.

REFERÊNCIAS

KANT, I. **Das diferentes raças humanas**. Tradução e notas de Alexandre Hahn. Kant e-Prints, S. 2, V. 5, P. 10-26, 2010.

KANT, I. **Determinação do conceito de uma raça humana**. Tradução e notas de Alexandre Hahn. Kant e-Prints, S. 2, V. 7, P. 28-45, 2012.

KANT, I. **Observações sobre o sentimento do Belo e do Sublime; Ensaio sobre as doenças mentais**. Tradução e estudo de Vinicius de Figueiredo. São Paulo: Clandestina, 2018.